



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Terraviva

Data: -/08/2009

Link: -

Caderno / Página: Pecuária de corte / 34

Assunto: A meta é segurar o peso

A meta é segurar o peso

Mesmo quando não há um manejo preventivo para manter a engorda dos animais no período da seca, ainda é possível amenizar os efeitos negativos

 Adilson Rodrigues



Durante o período de seca, mesmo o pecuarista menos precavido ainda tem alternativas para assegurar sensível ganho de peso do rebanho de corte. Para tanto, terá de colocar a mão no bolso, seja para arrendar o pasto do vizinho ou reforçar a comida nos cochos. Neste segundo caso, a localização da propriedade pode até facilitar. No Brasil Central, por exemplo, há lavouras para oferecer grãos como soja, milho, sorgo e caroço de algodão. Mais para o Sudeste do País, tem a polpa cítrica, como a opção mais competitiva, e a cana-de-açúcar, que no inverno apresenta seu mais alto grau de qualidade.

Da mesma forma, a escolha da melhor dieta dependerá diretamente do nível de deficiência nutricional. No caso de uma pequena restrição, misturas minerais proteicas, proteinadas ou energéticas de baixo consumo são suficientes. Conforme a demanda aumenta, misturas de alto consumo, volumosos e concentrados são necessários. "Cada situação precisa ser avaliada com cuidado e critério técnico para que o molho não fique mais caro que o peixe", adverte Alexandre de Campos Gonçalves, engenheiro agrônomo e consultor da Projepec. De acordo com ele, o valor dos volumosos varia bastante de uma

região para outra, enquanto o dos concentrados segue as cotações de mercado. "É preciso avaliar o preço do produto somado ao valor do frete", orienta Gonçalves.

Flávio Portela, especialista de Nutrição de Bovinos na Seca da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (Esalq/USP), comenta que alguns pecuaristas optam pelo sistema de boitel para terminação. Grandes confinamentos de Mato Grosso, altamente tecnificados, chegam a cobrar R\$ 5 pela diária do serviço. Quanto à elaboração da dieta na própria fazenda, as opções mais utilizadas são a cana (picada ou bagaço) e as silagens de capim, milho e sorgo, entre os volumosos; e milho, sorgo, casquinha de soja, trigo ou farelo de arroz, caroço de algodão e ureia, entre os concentrados. "Recomenda-se uma dieta de 3 kg de concentrado e 20 kg de volumoso, embora existam rebanhos que chegam a ganhar de 1.400 a 1.700 g/dia com apenas 3 kg de cana e 8,5 kg de concentrado", descreve Portela. Se o produtor já tiver

a gramínea na propriedade, basta adicionar ureia, polpa cítrica, caroço de algodão, milho e sal mineral para uma boa suplementação.

Volumoso na base – "Hoje, dizemos que o confinamento e o semiconfinamento são grandes aliados, e já fazem parte do manejo de pastagem. E, diferentemente do que se pensa, não requerem sofisticação", constata Mário de Beni Arrigoni, professor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da

Universidade Estadual Paulista (Unesp). Para ele, além do cocho, as alternativas ficam restritas à suplementação de manutenção, na qual o gado não ganha peso ou consegue, com sorte, de 100 a 200 g/dia,

o que considera muito baixo. "Mas de nada adianta se não tiver massa para consumir. Só com sal não é possível promover engorda", afirma. O pesquisador da Embrapa Gado de Corte (Campo Grande, MS) Rodrigo Amorim Barbosa concorda e chama a atenção para o volumoso como estratégia de alimentação. ▶

Atenção aos valores
Preço dos volumosos varia de uma região para outra; o dos concentrados segue cotações de mercado

Planejar bem o manejo nutricional é sempre a maneira mais eficiente e econômica de sustentar a engorda de todo o rebanho



Cada situação deve ser avaliada de acordo com os índices técnicos da fazenda e as características da região



"Obedecidas as proporções, consegue-se algum ganho. Um animal de 300 kg tem de consumir em média 2,2% de seu peso vivo. Em outras palavras, 6 kg/dia", diz.

Segundo Danilo Arelaro, zootecnista e consultor técnico da Premix – Técnicas em Suplementação, há diversas opções para assegurar o ganho de peso do animal na época de restrição, com base no objetivo em relação ao lote suplementado. "Quando a meta é a terminação, o confinamento proporciona ganhos entre 1.000 e 1.800 g/dia e o semiconfinamento, de 600 a 800 g/dia. Para ganhos pequenos, uma mistura concentrada na base de 0,2% ou 0,5% do peso vivo do animal proporciona de 100 a 400 g/dia", detalha Arelaro, que defende, em condições de pastagens, ser possível obter pequeno rendimento somente com o suplemento proteico. Para o consultor, independentemente do sistema adotado, o emprego de volumosos sempre é necessário. No mínimo, proteinado em lotes de engorda. "O produtor que não

costuma fazer cálculos e sempre crê que tudo vai ficar caro deveria pensar no aumento de giro do gado que a suplementação possibilita", acrescenta Victor Brito, zootecnista da Bellman Nutrição Animal.

Custo e benefício – Em relação à estrutura, confinamento exige currais, área de plantio de volumoso, barracão para armazenar grãos, local para elaboração da silagem, equipamentos para plantio e colheita. No semiconfinamento, é preciso barracão para os farelos, grãos ou ração concentrada e cocho para ministrá-los, maquinário, mão de obra, pasto reservado e bebedouros de fácil acesso. "Suplementos de seca usados a pasto têm como função conservar as condições corporais, podendo até promover pequenos ganhos diários (100 a 300 g) em animais jovens com peso vivo entre 200 e 300 kg. Em gado adulto, com mais de 350 kg, o objetivo principal é a manutenção. O consumo desses suplementos vai de 1 a 3 g/kg e varia de

acordo com peso, condições e qualidade das pastagens", explica Arelaro.

Para Fernando José Schalch Júnior, zootecnista e responsável técnico da Minerthal Produtos Agropecuários, os maiores custos na produção já são contabilizados quando o fazendeiro adquire a terra, forma pastos, compra ou produz gado e contrata mão de obra, que não carece de alteração na seca. "A suplementação estratégica é um investimento muito pequeno e retorna o capital aplicado. Evitar o 'boi sanfona' contribui para maior eficiência produtiva e redução

"A suplementação estratégica é um investimento pequeno e retorna capital aplicado", diz Schalch Júnior, da Minerthal



ESTRATÉGIAS DE NUTRIÇÃO NA ESTAÇÃO SECA

Manejo	Ganho diário (g)	Investimento	Objetivo
Feno em pé (vedação)	Até 100	Nenhum	Manutenção
Feno em pé + mistura mineral	150 a 200	Baixo	Ganho pequeno
Feno em pé + concentrado e volumoso	500 a 600	Médio	Ganho razoável
Semiconfinamento	600 a 800	Alto	Terminação
Confinamento	1.000 a 1.800	Alto	Terminação



Divulgação / Premix

Arelaro, da Premix, ressalta que há diversas opções para garantir peso na seca

da idade de abate", relata. A suplementação estratégica no período seco, manejo de pastagem e confinamento são ferramentas disponíveis para produtores de qualquer porte.

"Suplementos minerais com ureia (com mais de 15% de inclusão), minerais proteicos (30 g de proteína bruta para cada 100 kg de peso vivo) ou mineral proteico-energético (30 g de proteína bruta e 100 g de nutrientes digestíveis totais para cada 100 kg de peso vivo), desde que bem balanceados, fornecerão nutrientes capazes de reduzir as perdas de peso", diz Schalhch Júnior. A pastagem continua a ser determinante, pois é a maior fração da dieta ingerida, e todo programa nutricional deve considerar sexo, idade e raça dos animais; época do ano; sistemas de manejo; espécie forrageira; fertilidade do solo; idade da planta; e meta de desempenho. "O objetivo da suplementação proteica, seja ela da síntese de proteína ou de farelos, é prover quantidade de nutrientes que favoreça os microrganismos do rúmen, de forma a estimular o consumo de matéria seca e aumentar a digestibilidade", acrescenta.

Opção de manejo – Com medidas preventivas, o pecuarista garante ganhos de peso entre 200 e 1.800 g/dia em plena entressafra. A vedação de pastagens, também chamada de "feno em pé" ou pastejo diferido, é a medida mais simples e econômica.

O processo começa com a identificação, no período das águas, de áreas de pasto com maior produção de massa a fim de que sejam reservadas para o período seco. Inicialmente, em fevereiro, veda-se um ter-

ço do total pretendido. O restante é vedado na primeira quinzena de março. Atrasos podem ocorrer conforme a incidência das chuvas. É necessário conhecer a capacidade de suporte da pastagem para equilibrar os piquetes com o número de cabeças. "Atenção dobrada para não cair na tentação de colocar para pastejo, na seca, a mesma quantidade de cabeças das águas. É prejuízo certo. Demandará altos custos ou obrigará o criador a vender o boi magro por falta de comida", adverte Barbosa, da Embrapa.

Recomenda-se vedar capins dos gêneros *Cynodon* e *Brachiaria*, com exceção à *B. decumbens*, mais suscetível ao ataque de cigarrinhas. Capins elefante, andropógon e forrageiras do gênero *Panicum* (tanzânia, mombaça, tobiatã) também são inapropriadas por acumularem muito caule e o animal não o consumir. "Erro comum é pensar no capim e não no solo. De nada adiantam gramineas mais produtivas em terras pobres", observa Barbosa. Aliás, adubação de solo para repor carbonato de cálcio e potássio contribui para uma melhor resposta.

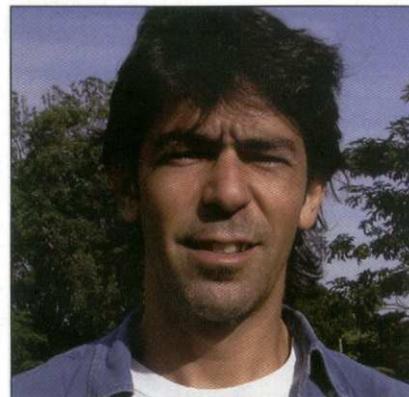
Atitude correta
Medidas preventivas
podem garantir
acréscimos de peso
entre 200 e 1.800 g/dia
em plena entressafra

Divulgação / Embrapa Gado de Corte



Reserva de pasto é a opção mais simples para garantir alimento ao gado na seca

Segundo Barbosa, da Embrapa, erro comum do pecuarista é pensar apenas no pasto e não no solo



Divulgação / Embrapa Gado de Corte

É fundamental diminuir a pressão de pastagem e, para isso, o estábulo pode ser o suporte necessário. "Vale mais a pena investir um pouco no cocho para ter o acréscimo de um quilo em um único mês do que não fazer nada e ter o mesmo quilo só depois de três meses. O longo período causa perdas de caixa e gasto excessivo com mão de obra", acredita Arrigoni, da Unesp.

O feno em pé sozinho pode até manter o peso do gado. Associado a uma mistura mineral, gera ganhos aproximados de 200 g/dia e, consorciado com concentrados e volumosos, sobe para até 600 g/dia. Victor Brito, da Bellman, informa que o consumo de 0,4% do peso vivo de uma suplementação proteico-energética proporciona ganhos de 400 a 500 g/dia a mais que a mineralização convencional em um animal de 450 kg. "Isso para pastejo diferido", esclarece. ■